Brasileiro testa em seres humanos a primeira vacina contra a malária

SALVADOR — Os cientistas brasileiros Victor e Ruth Nussenzweig, que trabalham na Universidade de Nova York, conseguiram um dos mais significativos avanços registrados nos últimos anos nas pesquisas de uma vacina contra a malária. Há seis meses, eles testaram pela primeira vez em seres humanos uma vacina sintética desenvolvida em laboratório, criando no organismo dos voluntários anticorpos contra o esporozóito, o parasita que causa a doença.

— É preciso ainda melhorar a vacina, aumentando a sua eficácia, pois a quantidade de anticorpos produzida ainda é muito baixa — disse Victor, um ex-professor da Universidade de São Paulo que saiu do Brasil após a Revolução de 1964 e que há 20 anos vem tentando desenvolver a vacina junto à mulher, Ruth, que chefiava o Departamento de Parasitologia da universidade americana.

Os resultados da pesquisa foram anunciados durante o 10º Congresso da Sociedade Brasileira de Parasitologia, realizado na Bahia. Segundo os

cientistas, em cinco anos será possível obter uma vacina mais eficaz contra a doença. A malária, somente no Brasil, atinge anualmente cerca de 500 mil pessoas.

O primeiro grande passo para o desenvolvimento da vacina sintética foi dado há 10 anos quando Victor e Ruth, após descobrirem que uma grande molécula de proteína que reveste o esporozóito é a responsável pela produção de anticorpos, conseguiram produzi-la artificialmente em laboratório utilizando técnicas de Engenharia Genética.

Em seguida, os estudos foram conduzidos no sentido de se descobrir qual a parte da molécula era mais importante e de que era constituída. Foram identificados quatro aminoácidos (alanina, prolina e duas asparaginas) que, após sintetizados e associados à vacina antitetânica (usada apenas como solvente), foram testados em 40 jovens voluntários, estudantes da Universidade de Maryland, destruindo boa parte dos esporozóitos da malária.